

EDITORIAL

Mais um ano que se finda, e outro que começa; mais um marco ultrapassado pela humanidade nò seu eterno caminhar, do conhecido para o desconhecido, através do tempo e do espaço infinitos.

Marcha lentamente a imensa caravana, do berço para o túmulo, os pés ligados à terra, o espírito na ânsia perene de ascender ao incognoscível, de fugir à prisão da matéria, que limita e perturba a compreensão das causas primárias e da finalidade do homem e das cousas. E luta o homem, luta sempre, e sofre, em meio à impassibilidade e indiferença das cousas materiais que o cercam. Cai e se reergue, desfalece às vèzes e se reanima depois, enquanto lhe guia os passos a luz cariciosa e reconfortante que a esperança lhe acende n'alma. Não se conforma com a idéia de que a vida seja apenas

um relâmpago diante da eternidade, mas que parece uma eternidade quando o sofrimento lhe amargura o mundo interior. O esforço constante, a luta sem tréguas que custa a outrem tirá-lo da inconsciência e da ignorância inata dos primeiros tempos de sua existência, e que lhe cumpre continuar depois, até atingir a compreensão e a produtividade da madureza, a vida, enfim, será apenas tudo isto? Aceita a luta que abrevia o, já de si, infinitamente pequeno da existência, mas não se quer convencer da inanidade de tanto esforço.

Apela, então, para o imaginário, e sente-se feliz, ou, quando menos, reconfortado, quando a imaginação o conduz à fé, em outros destinos extraterrestres, onde a vida se renova, se perpetua; e foge, assim, ao terror do nada, ao desconsolo da extinção total e sem remédio, de tôdas as aspirações, de sua personalidade. E, à semelhança do Natal do Homem-Deus, que rasgou à humanidade novos horizontes de esperanças, êle, o homem terreno, irredutivelmente inconformado à idéia de

que a desagregação da matéria arraste consigo a extinção do espírito, cria, em seu mundo interior, outro natal: a crença na eternidade da existência. A fé na infalibilidade de uma justiça superior lhe dá novo alento para a luta; sabe que o sofrimento é o tributo pago pelo aperfeiçoamento do espírito, pelas recompensas futuras. Torna-se, então, mais rigoroso para consigo, e mais tolerante para com seus companheiros de jornada terrestre.

Ora, porque a comemoração do Natal da cristandade, evocador de uma sobrevivência estimulante e consoladora, predispõe os espíritos aos sentimentos de esperança e fraternidade, e ocorre nos últimos dias do ano, compreende-se que seja esta a data consagrada à expansão recíproca dos bons desejos, dos votos de felicidade, que a humanidade troca entre si, em todos os recantos do mundo cristão. Desejar sinceramente o bem para outrem, já é, de certa maneira, fazer o bem.

E' o Ano Novo, o Ano Bom. Que assim seja para os nossos estimados leitores e amigos.